

Ferrugem: entre lagartos e camaleões

Isabela Cristina Fernandes¹

Ele ainda farejava o cheiro dela. Tudo parecia igual, inclusive o tempo. As semanas, os dias e as horas passavam e ele ainda farejava o cheiro dela. Farejava o mesmo cheiro como se tudo fosse igual. Aquela presença doce e agradável ainda podia ser sentida, no entanto se tratava apenas de uma presença física. Talvez a doçura e a sensação de agradabilidade fossem mera impressão, memória turva daquilo que foi e não é mais. Mas não é verdade que o que vai sempre volta? Depende. Se ao menos ela fosse resiliente como uma mola, quem sabe? Ela se parecia mais com um pedaço de papel, exatamente como aquele que a gente dobra várias vezes só para se certificar de que ao desdobrá-lo o encontrará amassado e irreversível. Tem-se apenas a lembrança de um papel. As marcas das dobraduras são tão intensas que formam espécie de nervuras na superfície antes lisa, fazendo com que os dedos ondulem no movimento de deslizar sobre ela. E assim era com aquela mulher, aquela que viajou para algum lugar distante, mas que deixou o seu corpo como uma lembrança palpável das marcas que a vida lhe causou ao dobrá-la demais.

As unhas duras e amareladas eram como raízes fortes. Durante todo aquele estranho período, eu assistia minha avó se transformar em árvore, em uma triste árvore recurvada. Seus cabelos tingidos de preto eram como folhas que se recusavam a envelhecer, ao passo que sua pele era rígida e permeada de labirintos estreitos ao redor dos olhos, dos lábios e ao longo da testa, tal como a superfície das cascas anciãs daquelas árvores frondosas. Contudo, em outros momentos, eu me surpreendia ao pensar que essa mesma pele fosse como um campo por onde o tempo havia marchado muitas vezes. O tempo e minha avó não eram amigos, mas eles estavam sempre juntos. Os braços flácidos e sarapintados se pareciam com galhos prestes a se desmembrarem do tronco. Tudo nela era impermanente, com exceção do cheiro que o pobre cachorro da família farejava. Ela cheirava a cravo. Seu perfume representava

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras pela Faculdade de Ciências e Letras de Assis, UNESP.

delicadamente a presença da mulher que havia sido um dia. Talvez fosse por isso que tudo parecesse igual, especialmente ao pequeno Bob que farejava o cheiro dela e se alegrava ao reconhecê-la tão perto. Suspeito que para ele fosse mais fácil se adaptar àquela realidade com ares de devaneio. Às vezes eu tinha a impressão de estar delirando.

A realidade simplesmente não se parecia com ela mesma, assim como minha avó e seu reflexo no espelho. Como é possível algo parecer e não ser ao mesmo tempo? Para sua sorte, Bob não sabia que o seu nome havia sido apagado das lembranças de sua dona. Devo admitir que ele próprio não existia mais. Em certos momentos, ela olhava para ele como se não compreendesse o que estava diante de seus olhos. Eu poderia apostar que entre ele e uma pedra não haveria diferenças, segundo a percepção confusa de minha avó. Na verdade, Bob era duplamente sortudo! Além de não saber que ignorado, também não precisava usar máscaras. Ele podia respirar livremente. Como não usava óculos, ele poderia respirar sem correr o risco de embaçar as lentes. Quisera eu ter a mesma sorte, pois vivia com a impressão de carregar a névoa nos olhos. A paisagem era sempre esbranquiçada e vaporosa, de modo que eu me sentia presa em uma enorme fumaça a espiralar lentamente do chão até o céu.

O diagnóstico veio à luz no início de dois mil e vinte, e eu me surpreendi. Talvez por capricho e ironia, a nova década havia gestado a enfermidade de minha avó e o término repentino de muitas jornadas. Saber que o brilho de sua mente se apagaria dia após dia, me surpreendeu muito mais do que a circulação de um inimigo invisível. Como alguém poderia se desmemoriar em pleno século XXI? Pensei sobre muitas invenções humanas que haviam sido julgadas impossíveis, mas que por fim deram certo... Pensei que talvez não fosse muito complicado inventar um remédio para curar o esquecimento e, no entanto, ela seguia esquecendo. E quanto mais ela esquecia, mais eu me lembrava de que talvez o melhor remédio fosse indicado para mim. E esse remédio era aceitar. Eu sabia que haveria um antídoto contra o vírus itinerante, mas e quanto à minha avó? Que antídoto haveria para reverter a degeneração de suas memórias? Como fazê-la me enxergar outra vez e sorrir depois de dizer o meu nome carinhosamente? Sempre que ela me encontrava, eu podia sentir sua surpresa e emoção. Era como se eu surgisse por encantamento. Nessas ocasiões, eu tinha a

impressão de que o seu chamado revelava a mim mesma. Eu existia porque ela me chamava: *fiat lux!*

Quando eu era criança, me lembro de que ela tinha horror à possibilidade de eu brincar perto de coisas enferrujadas. O quintal era repleto de cacarecos, conforme ela mesma dizia, e por isso eu deveria ser cuidadosa. Hoje, porém, me pergunto sobre qual seria a sua recomendação em se tratando de nós duas. Acaso ela aprovaria que eu permanecesse próxima a alguém cuja mente enferrujava progressivamente? Ao observá-la com atenção desde tenra idade, constatei que a influência da dor e das lágrimas também contribui para a formação de ferrugem. A propósito, sua mente oxidava igualzinho às escamas do lagarto que ela costumava apreciar durante as manhãs frias de junho anos antes de adoecer. Ele vivia em seu quintal, entre telhas antigas que haviam sido negligentemente amontoadas. Às vezes, durante o verão, minha avó se surpreendia ao vê-lo descer com velocidade da mangueira que sombreava o terreno. Ela imaginava que para o lagarto deveria ser mais fresco se alojar à sombra da enorme árvore e de suas folhagens em dias quentes, porém não compreendia como ele conseguia driblar os cinco vira-latas que repousavam ao redor do velho tronco e por cima das grossas raízes. O ato de descer e subir até lá, correndo o risco de ser estilhaçado por dentes caninos, tornou aquele lagarto admirável aos olhos de minha avó. Ferrugem era um lagarto muito corajoso e, se eu realmente quisesse aprender a andar de bicicleta, deveria me inspirar em sua coragem.

Se o tempo e minha avó não eram amigos, o mesmo não poderia ser dito a respeito do que parecia haver entre ela e o lagarto. Bem, talvez eles não fossem amigos propriamente. Mas ambos eram muito parecidos sob certos aspectos. Durante as primeiras horas da manhã, nas quais a terra do quintal amanhecia gelada e dura, minha avó e o lagarto buscavam conforto sob o sol. Ela fumava e tilintava os dentes ao mesmo tempo, enquanto ele parecia se espreguiçar sob aquela luz radiante e morna. Se espreguiçava e contemplava o reflexo da própria sombra na terra fria e úmida. Era como se ele encarasse um outro lagarto, talvez um oponente. Minha avó, por sua vez, ignorava a própria sombra para se concentrar nos sucessivos tragos que dava no cigarro. Para ela não havia ambivalências. Naquele instante, ela era apenas uma mulher que fumava sob o sol. Me arrisco em dizer que naquela época ela já parecia estar distante...

Eu sempre tive a curiosidade de saber para aonde ela ia toda vez que se ausentava de si mesma. Às vezes, gosto de pensar que ela não está doente. Prefiro acreditar que ela está apenas brincando de se esconder ou fazendo truques para enganar a gente, os mesmos truques que fazia quando eu era criança. Os meus dois truques favoritos eram “fazer a galinha dormir” e “tirar a sorte no osso de frango”. Contudo, devo esclarecer que a minha preferência por esses truques não se deve à qualquer vitória de minha parte. Ela vencía sempre. O que me agradava nesses truques eram a graça, a malícia e a sagacidade com que ela os desempenhava. Meu prazer era assisti-la, pois sua vida era uma verdadeira performance. Imagino que ela se divertia com a minha curiosidade e inocência, porque ela só poderia operar tão magistralmente na minha ignorância.

Eu acreditava que ela fazia mágica. Em alguns fins de tarde, durante a época em que eu passava as férias escolares em sua casa, ela agarrava aleatoriamente uma galinha para me mostrar que poderia fazê-la dormir. Me lembro de gostar muito das semanas que passei em sua companhia naquele tempo de extravagância doméstica, pois em seu modesto quintal, minha avó criava um casal de gansos, cinco cachorros, três gatos, dois coelhos, um bando de galinhas com seus pintinhos e uns quatro galos esnobes metidos a valentões. Por muito tempo, acreditei que a galinha dormia de fato. Minha avó tinha o costume de dobrar o pescoço da pobre ave e proferir a seguinte frase: “Dorme, fia! Dorme!”. Com a cabeça inclinada para a frente e escondida por entre as asas, devido à insólita posição do pescoço, eu não podia enxergar sua expressão e constatar se a ordem de minha avó havia sido acatada realmente. Mas o que me fazia acreditar em seu sortilégio era a completa inércia da galinha, que durava por alguns segundos. No início, antes das palavras mágicas serem proferidas, a galinha se debatia desesperadamente na ânsia de fugir. Depois, o choque de uma asa contra a outra cessava e o singelo animal amolecia. Nesse momento, o pescoço da ave se inclinava ainda mais para a frente como se fosse adentrar o ventre de minha avó. O suspense que se seguia até a galinha “despertar” era inevitável.

Às vezes, eu temia que uma ou outra galinha não retornasse do breve sono e fosse parar na velha panela de ferro que minha avó utilizava para preparar cozidos. Eu jamais poderia comer qualquer galinha daquele quintal! Mas para a própria sorte delas, as asas voltavam a chacoalhar freneticamente e seus pescoços se erigiam ao céu

como edifícios sólidos e imponentes. Eu admirava profundamente aquela mulher respeitada por suas galinhas. Minha avó poderia se equiparar a Orfeu, ainda que não detivesse um belo instrumento musical. Mesmo depois de ter descoberto a razão pela qual as galinhas dormiam, eu não deixei de admirá-la. A verdade não pôde desmentir o encanto do seu faz de conta. Bruxa ou fada, minha avó era bela e digna de admiração. O que reprovei em seu comportamento foi o assédio cometido contra as galinhas. Eu não acreditava que fosse recomendável mobilizar dois nervos bem específicos do pescoço de uma ave inocente com o propósito de desacordá-la por diversão. No entanto, quando descobri a verdade, ela já havia suspendido seu truque com as pobres aves. O quintal se esvaziava aos poucos. Não havia mais gatos, coelhos, gansos, galos e galinhas. Os cachorros eram a única espécie do antigo grupo de animais a povoar aquele quintal memorável onde eu aprendi a escalar árvores e a ser corajosa como o lagarto ferrugem. Naquela altura, eu já conseguia me equilibrar sobre duas rodas!

Metade cinza e metade alaranjado, assim era o lagarto que minha avó admirava. Seu nome foi justamente inspirado a partir da metade desbotada de seu corpo. Para mim, essa era a metade mais bonita. Pena ela não durar para sempre! Eu sabia que ferrugem não tardaria a se transformar em um lagarto completamente cinza. Cinza e comum. Comum e triste. Me lembro de cismar com a admiração que minha avó sentia por aquele réptil. Eu achava curioso ela se demonstrar tão afeiçãoada por um animal que tinha escamas enferrujadas, logo ela que estremecia à simples suspeita de eu me aproximar de algum prego ou corrente deteriorados por aquele fogo craquelado e persistente que se chama ferrugem. Por outro lado, hoje considero a possibilidade dela ter compreendido que, diferentemente das outras coisas que enferrujavam, o lagarto não representava aquele sono do qual as galinhas jamais poderiam retornar caso mãos menos misericordiosas que as suas resolvessem mobilizar mais do que dois nervos daqueles frágeis pescoços. Além disso, o pequeno animal não se mostrava passivo à ação do tempo.

A metade que desbotava era aquela que iria desaparecer por muito tempo, de preferência até à próxima vez em que fosse trocar de escamas. Ferrugem ainda viveria muitas vidas! Parecia ser um lagarto jovem mas, se por acaso não fosse, tudo bem. Mais vale um lagarto velho e corajoso do que um lagarto jovem e tolo! Não sei se

minha avó conseguiu ler muito bem a sorte de seu amiguinho. Eu intimamente interpretava tudo aquilo de outro modo. Quando eu olhava para o corpo ágil daquele lagarto, eu depreendia uma narrativa melancólica e incisiva sobre o destino dos homens. Compreendi que a metade cinza representava a prevalência da noite sobre o dia, ou, da morte sobre a vida. Corajoso ou não, ferrugem também adormeceria um dia. As mãos do tempo o alcançariam inevitavelmente, assim como haviam alcançado as singelas memórias de sua admiradora. Diante dessa constatação, senti que não haveria osso de frango seco o bastante para mudar tal sorte. E por acaso a doença de minha avó e a pandemia não seriam irmãs a caminhar de mãos dadas? E por acaso ambas não seriam um prenúncio dessa longa noite que se aproximava?

Foi doloroso passar um longo período completamente distante daquela mulher que se estranhava a cada dia. Lamentei os almoços de domingo dos quais não pude participar. Lamentei não ter a oportunidade de desfrutar a ausência dela, pois estar ao seu lado era como estar só. Mas ainda assim se tratava de uma solidão digna de ser desfrutada. Eu até cheguei a achar graça no fato de estar em uma sala na qual o cachorro da família seria o único a me reconhecer de verdade, caso eu estivesse apenas entre ele e ela. Bob era um cãozinho muito especial. Creio que sua memória olfativa o tornava superior em relação a mim e à minha avó, o que mostra o quão relativa a vida é. E entre relatividades e saudades, me dei conta de que a doença dela avançava com a mesma violência e velocidade com que as do vírus. Pessoas e memórias desabavam irreparavelmente como um dominó sobre o outro. E eu só conseguia ouvir o eco de pilhas e pilhas de memórias desabarem pesadas no chão do esquecimento. Teve um dia, em especial, em que esse terrível eco se tornou ainda mais audível. Era aniversário dela, mas nós não pudemos celebrá-lo. Mesmo após um ano de reclusão, ainda era preciso esperar por mais tempo. “Esperar até quando? Esperar o quê? Esperar para quê?”, eu me questionava sempre. Mas as perguntas prosseguiram sem respostas. O que havia de triste naquele período de incertezas e de isolamento era a amarga sensação de não poder construir, na companhia de familiares, memórias alegres com minha avó. Embora ela não pudesse relembrar as novas vivências, importava à nós relembrá-las mais tarde em seu lugar. Era como se a pandemia também nos forçasse a esquecer. Não podíamos recordar aquilo que não estávamos vivendo! E onde estávamos então? Em casa, enferrujando.

Aos domingos, quando minha avó me oferecia a modesta fúrcula de um frango devorado no almoço, após tê-lo deixado ao sol para secar a gordura, eu já sentia saudade. No fundo, eu sabia que chegaria o tempo em que tudo aquilo mudaria. Os vizinhos até poderiam contar: “Era uma vez uma vovó e uma netinha que brincavam de tirar a sorte num osso de frango...” Pena não haver nessa história a frase: “e viveram felizes para sempre.” Eu gostava dessa brincadeira, mesmo sabendo que ela venceria. Sim, ela sempre vencia. E sua vitória era calma. A única coisa que ela se permitia fazer era rir baixinho depois de vencer. O riso dela era alegre mesmo quando pretendia ser manso, humilde. Ela ria do fato de eu não perceber que ela ganhava justamente por minha própria causa. Nessa brincadeira, que também era uma espécie de jogo, para ganhar seria necessário que uma das pessoas envolvidas permanecesse com a maior parte do osso em mãos. A parte que se rompesse seria, então, correspondente ao perdedor. Alguns anos depois, ela me revelou que o segredo para vencer esse jogo era simplesmente fazer o menor esforço possível. Quanto mais a pessoa puxasse a sua parte da forquilha para trás, na tentativa de fazer quebrar a do oponente, maiores seriam as chances de romper com a sua própria. E era exatamente assim que acontecia comigo. Por isso, ela sempre se mostrava serena e confiante quando jogávamos.

Durante as vezes em que disputamos a maior parte do pobre osso, não apostamos absolutamente nada. Queríamos apenas nos divertir. E cada uma se divertia ao seu modo. Eu era como aquela criança que sempre buscava desvendar os segredos do mágico. Minha diversão consistia em adivinhar os truques daquela mulher cheia de artimanhas. Houve um período de minha infância no qual procurei compreender uma expressão que ela sempre proferia. Não importava o que acontecia, se coisa boa ou ruim, ela dizia: “Crendiospai!”. Era como se qualquer notícia fosse motivo de espanto. Penso que se alguém lhe dissesse anos atrás que haveria uma pandemia ou que ela se esqueceria de si mesma e de todos aqueles que ama, ela provavelmente esconjuraria o sujeito com essa frase. Teria sido engraçado assistir a esta cena. Quando descobri o sentido e a pronúncia formal dessa frase, tive a certeza de que o sotaque mineiro dela atribuía maior graça e vivacidade ao mantra religioso. A abreviação de “Creio em Deus o pai” foi seguida por muitas outras. Sua linguagem era encantada e oriunda das adaptações populares. Além disso, minha avó sempre foi

muito expressiva, parecia até que estava o tempo todo a encenar a própria vida. Quando ela me contava um sonho, começava dizendo que “fulano representava estar triste” ou que tal lugar “representava um campo enorme cheio de vacas mugindo, enraivecidas”. Pessoas e lugares representavam. Eu tinha a impressão de que ela se esforçava para tornar bem clara a distinção entre sonho e realidade, mas acredito que aos seus olhos ambas poderiam ser “de mentirinha”.

Hoje me pergunto sobre qual vida ela vive. Sei que a realidade se trata de algo absurdo para alguém em sua condição. E por acaso não se trata de algo absurdo para nós também? Não é verdade que estamos nos adaptando ao “novo normal”? Apesar do interesse que nutro por minha avó, eu não desejaria adivinhar jamais sua reação ao saber da morte de um irmão querido. Muitos estão dizendo adeus, mas ela não ouve. Ela não pode ouvir. Ela não reconheceria as palavras de despedida, assim como não pode reconhecer o som da própria voz. Algumas de suas amigas mais antigas e estimadas também partiram ao longo dos últimos dois anos, mas ela nem pôde lamentá-las. Na verdade, era como se elas já estivessem mortas. Quando reencontrei minha avó dois anos mais tarde, em ocasião de seu sexagésimo nono aniversário, o qual pudemos comemorar enfim, eu a achei tristemente parecida com uma árvore recurvada e oca. Acreditei que ela estivesse vazia, livre de pensamentos e emoções. Me assustei diante de seu semblante impassível, diante de seus olhos semiapagados. Seus olhos eram tão bonitos. Eu admirava aqueles olhos verdes e inchados. Graciosamente, eram as suas pálpebras curtas e salientes que atribuíam essa aparência de inchaço ao seu olhar. Certa vez, ela me disse que os seus olhos eram iguaizinhos aos olhos de seu pai, de quem ela sentia muita saudade.

Recordo que durante os momentos nos quais a lembrança de seu pai era evocada, sua voz falhava. Ela me dizia que sentia sua garganta fechar diante da lembrança de um pedaço de coxa de frango que comeu na casa de sua mãe, em Minas, após o enterro daquele pai zangado que tinha olhos de boi. Essa era a parte favorita dele, a parte que jamais tornaria a comer. Mas conforme eu dizia, simplesmente me assustei ao revê-la. Me assustei porque eu não a reconheci! Eu mal pude encontrar qualquer vestígio de semelhança entre aquela mulher estranha e minha avó. Os cabelos tingidos de preto não conseguiam suavizar os efeitos devastadores da doença e do tempo. Se era verdade que todos nós podíamos nos considerar perdidos para ela,

por acaso seria justo considerá-la perdida para nós também? A solidão que agora emanava de nosso encontro não se tratava mais daquela que eu julgava digna de ser desfrutada. Estar ao lado dela naquele momento significava estar realmente só. Não havia resquícios de seu antigo eu que me encorajassem a acreditar que ela ainda estava ali.

Antes de eu voltar para a casa, após o término de sua festa de aniversário, me aproximei de sua poltrona e a beijei com delicadeza. Temia que ela se desfizesse tal como uma pilha de folhas secas ou que os membros de seu corpo se desprendessem lentamente como as pétalas aveludadas daquela florzinha frágil, ironicamente conhecida como dente-de-leão. Olhei diretamente em seus olhos com a esperança de encontrá-la no fundo daquele labirinto de silêncio onde ela passou a viver contra a sua vontade. Durante aquele breve momento no qual estive a encará-la, me lembrei das histórias que ela me contava nas noites em que eu pousava em sua casa. Lembrei das narrativas folclóricas e de uma fábula que eu gostava muito, aquela sobre a lebre e a tartaruga. Sempre achei os personagens astutos das fábulas parecidíssimos com a minha avó. Além dessas narrativas, recordei uma lenda que havia ouvido no ponto de ônibus certa vez.

A lenda dizia que um belíssimo camaleão tinha sido encarregado pelos deuses para se dirigir até os humanos com a notícia auspiciosa de que seriam imortais. Contudo, o camaleão resolveu esperar por mais tempo antes de cumprir a tarefa que lhe foi encarregada. Ele estava acostumado a usufruir os prazeres do palácio onde vivia, de modo que havia decidido aproveitar ao máximo os confortos de seu lar. Embora fosse próspero e sábio, o camaleão tinha o péssimo hábito de procrastinar. Ele não só foi adiando sua viagem, como também terminou por esquecê-la de vez. Em seu lugar, um lagarto perspicaz e de caráter duvidoso viajou até os homens para informá-los sobre sua mortalidade. E como estes acreditavam que o tal lagarto fosse o mensageiro enviado pelos deuses, de imediato tomaram posse do decreto. Pensei que talvez a vida de minha avó e de milhares de outras pessoas seria bem diferente se o camaleão tivesse honrado o seu dever.

Após revisitar essas lembranças, me surpreendi ao suspeitar que alguém me chamava de dentro daquele labirinto de silêncio. Estremeci. De repente, quando ela

me devolveu o olhar com intensidade e aparente compreensão, senti que as suas raízes ainda lutavam para permanecerem aterradas à vida, tal como as raízes daquela velha mangueira que ainda sombreava o seu quintal. Apertei sua mão e tive a nítida impressão de que ela me olhou com maior profundidade. Seus olhos me diziam aquilo que eu só poderia ouvir bem baixinho de dentro do labirinto onde ela morava: “Crendiospai, fia!”. Então eu respondi com voz firme e audível: “Eu creio, vó! Eu creio!”